

A dark, atmospheric scene of a person standing in a snowy, wooded area at night. The person is silhouetted against a bright, warm, orange light source that creates a large, glowing pool of light on the ground in the foreground. The background is dark and misty, with some light reflecting off the snow and the person's figure. The overall mood is mysterious and somber.

VÍCTOR HUGO

A HISTÓRIA DE UM CRIME
O RELATO DE UM TESTEMUNHO

**A HISTÓRIA DE UM CRIME – O RELATO DE UM
TESTEMUNHO
POR VICTOR HUGO – O PRIMEIRO DIA**

A EMBOSCADA. CAPÍTULO I: "SEGURANÇA". Em 1º de dezembro de 1851, Charras deu de ombros e descarregou suas pistolas. De fato, a crença na possibilidade de um golpe de estado se tornou humilhante. A suposição de tal violência ilegal por parte de M. Louis Bonaparte desapareceu com uma consideração séria. A grande questão do dia era evidentemente a eleição de Devincq, e estava claro que o Governo só pensava nisso. Quanto a uma conspiração contra a República e o Povo, como alguém poderia premeditar tal trama? Onde estava o homem capaz de alimentar tal sonho? Para uma tragédia, deve haver um ator, e certamente, aqui, o ator estava faltando. Ousaria-se afirmar que um homem fosse capaz de tanto: corromper o Direito, suprimir a Assembleia, abolir a Constituição, sufocar a República, derrubar a Nação, macular a Bandeira, desonrar o Exército, subornar o Clero e a Magistratura, triunfar, governar, administrar, exilar, banir, transportar, arruinar, assassinar, reinar, com tais cumplicidades que a lei, por fim, se assemelha a uma cama fétida de corrupção. O quê! Todos esses horrores seriam cometidos! E por quem? Por um Colosso? Não, por um anão. As pessoas riam da ideia. Não

mais diziam "Que crime!" mas "Que farsa!" Afinal, refletiam; crimes hediondos exigem estatura. Certos crimes são grandes demais para certas mãos. Um homem que deseja realizar um 18 de Brumário deve ter Arcola no passado e Austerlitz no futuro. A arte de se tornar um grande vilão não é concedida ao primeiro que aparece. As pessoas se perguntavam: quem é este filho de Hortense? Ele tem Estrasburgo atrás de si, em vez de Arcola, e Boulogne no lugar de Austerlitz. Ele é um francês, nascido holandês, naturalizado suíço; é um Bonaparte cruzado com um Verhuell; só é famoso pela ridiculez de sua postura imperial, e quem tentaria arrancar uma pena de sua águia poderia arriscar-se a encontrar uma pena de ganso em sua mão. Este Bonaparte não passa como moeda no mercado, é uma imagem falsificada, mais de chumbo do que de ouro, e certamente os soldados franceses não nos darão troco por este falso Napoleão, em rebelião, em atrocidades, em massacres, em ultrajes, em traições. Se ele tentasse um golpe, fracassaria. Nenhum regimento se moveria. Além disso, por que ele faria tal tentativa? Sem dúvida, ele tem seu lado suspeito, mas por que supô-lo um vilão absoluto? Tais ultrajes extremos estão além de sua capacidade;

ele é fisicamente incapaz de realizá-los, por que julgá-lo capaz moralmente? Não jurou ele honrar sua palavra? Não disse ele, "Ninguém na Europa duvida da minha palavra?" Não devemos temer nada. A isso poderia ser respondido, os crimes são cometidos ou em grande ou em pequena escala. Na primeira categoria, está César; na segunda, Mandrin. César atravessa o Rubicão, Mandrin atravessa a sarjeta. Mas sábios intervieram, "Não estamos sendo prejudicados por conjecturas ofensivas? Este homem foi exilado e foi infeliz. O exílio esclarece, a desgraça corrige." Por sua parte, Louis Bonaparte protestou energeticamente. Os fatos abundavam a seu favor. Por que ele não deveria agir de boa-fé? Ele havia feito promessas notáveis. No final de outubro de 1848, então candidato à Presidência, ele estava visitando a casa nº 37 da Rua de la Tour d'Auvergne, em busca de uma explicação com um certo personagem, a quem ele disse, "Quero uma explicação com você. Estão me caluniando. Eu lhe dou a impressão de um louco? Pensam que quero reviver Napoleão. Há dois homens que uma grande ambição pode tomar como modelo, Napoleão e Washington. Um é um homem de Gênio, o outro é um homem de Virtude. É ridículo dizer: 'Serei um homem de Gênio'; é honesto dizer: 'Serei um homem de Virtude'.

Qual destes depende de nós? Qual podemos alcançar com nossa vontade? Ser Gênio? Não. Ser Probidade? Sim. Alcançar o Gênio não é possível; alcançar a Probidade é uma possibilidade. E o que eu poderia reviver de Napoleão? Uma única coisa - um crime. Verdadeiramente uma ambição digna! Por que me consideram homem? Sendo a República estabelecida, não sou um grande homem, não imitarei Napoleão; mas sou um homem honesto. Imitarei Washington. Meu nome, o nome de Bonaparte, será inscrito em duas páginas da história da França: na primeira haverá crime e glória, na segunda, probidade e honra. E a segunda talvez valha mais que a primeira. Por quê? Porque se Napoleão é o maior, Washington é o melhor homem. Entre o herói culpado e o bom cidadão, escolho o bom cidadão. Essa é minha ambição." De 1848 a 1851, três anos se passaram. As pessoas haviam suspeitado de Louis Bonaparte durante muito tempo; mas a suspeita prolongada embota o intelecto e se desgasta com alarmes infrutíferos. Louis Bonaparte teve ministros dissimulados como Magne e Rouher; mas também teve ministros diretos como Léon Faucher e Odilon Barrot; e esses

últimos afirmaram que ele era correto e sincero. Viu-se que ele bateu no peito diante das portas de Ham; sua irmã de criação, Madame Hortense Cornu, escreveu a Mieroslawsky, "Sou uma boa republicana, e posso responder por ele." Seu amigo de Ham, Peauger, um homem leal, declarou, "Louis Bonaparte é incapaz de traição." Não havia ele escrito a obra intitulada "Pauperismo"? Nos círculos íntimos do Eliseu, o Conde Potocki era republicano e o Conde d'Orsay era liberal; Louis Bonaparte disse a Potocki, "Sou um homem da Democracia", e a D'Orsay, "Sou um homem da Liberdade." O Marquês du Hallays se opôs ao golpe de estado, enquanto a Marquesa du Hallays estava a favor. Louis Bonaparte disse ao Marquês, "Não tema nada" (é verdade que ele sussurrou para a Marquesa, "Fique tranquila"). A Assembleia, depois de mostrar aqui e ali alguns sintomas de inquietação, ficou calma. Havia o General Neumayer, "em quem se podia confiar", e que de sua posição em Lyon marcharia, se necessário, em direção a Paris. Changarnier exclamou, "Representantes do povo, delibere-se em paz." Até o próprio Louis Bonaparte pronunciou essas famosas palavras, "Eu veria inimigos de meu país em qualquer

um que mudasse à força o que foi estabelecido por lei," e, além disso, o Exército era "força", e o Exército possuía líderes, líderes que eram amados e vitoriosos. Lamoricière, Changarnier, Cavaignac, Leflô, Bedeau, Charras; como alguém poderia imaginar que o Exército da África prendera os Generais da África? Em sexta-feira, 28 de novembro de 1851, Louis Bonaparte disse a Michel de Bourges, "Se eu quisesse fazer algo de errado, não conseguiria. Ontem, quinta-feira, convidei para a minha mesa cinco coronéis da guarnição de Paris, e a ideia me ocorreu de questioná-los um por um. Todos os cinco declararam-me que o Exército jamais se prestaria a um golpe de força, nem atacaria a inviolabilidade da Assembleia. Pode dizer isso aos seus amigos." – "Ele sorriu", disse Michel de Bourges, aliviado, "e eu também sorri." Depois disso, Michel de Bourges declarou no Tribunal, "Este é o homem para mim." Nesse mesmo mês de novembro, um jornal satírico, acusado de caluniar o Presidente da República, foi condenado a multa e prisão por uma caricatura que o mostrava no alvo de um estande de tiro, com a Constituição sendo o alvo. Morigny, Ministro do Interior, declarou no Conselho diante do

Presidente "que um Guardião do Poder Público nunca deveria violar a lei, caso contrário seria um..." "Homem desonesto", interrompeu o Presidente. Todas essas palavras e todos esses fatos eram notórios. A impossibilidade material e moral do golpe de estado era manifesta para todos. Oprimir a Assembleia Nacional! Prender os Representantes! Que loucura! Como vimos, Charras, que há muito permanecia em guarda, descarregou suas pistolas. O sentimento de segurança era completo e unânime. No entanto, havia alguns entre nós na Assembleia que ainda mantinham algumas dúvidas, e que ocasionalmente balançavam a cabeça, mas éramos vistos como tolos.

CAPÍTULO II: PARIS DORME - A CAMPANHA TOCA. Em 2 de dezembro de 1851, o representante Versigny, de Haute-Saône, que residia em Paris, na Rua Léonie, estava dormindo. Ele dormia profundamente, pois tinha trabalhado até tarde. Versigny era um jovem de 32 anos, de feições suaves e pele clara, com espírito corajoso e uma mente voltada para estudos sociais e econômicos. Ele havia passado as primeiras horas da noite lendo

um livro de Bastiat, fazendo anotações nas margens, e, deixando o livro aberto na mesa, adormeceu. De repente, acordou sobressaltado com o som de uma campainha tocando fortemente. Ele se levantou surpreso. Era madrugada, por volta das sete horas da manhã. Sem imaginar o motivo de uma visita tão cedo, e pensando que alguém havia se enganado de porta, ele se deitou novamente, prestes a retomar o sono, quando uma segunda campainha, ainda mais forte que a primeira, o despertou completamente. Ele se levantou de camisola e abriu a porta. Michel de Bourges e Théodore Bac entraram. Michel de Bourges era vizinho de Versigny; morava na Rua de Milão, nº 16. Théodore Bac e Michel estavam pálidos e pareciam bastante agitados. "Versigny", disse Michel, "vista-se imediatamente, Baune acaba de ser preso." "Bah!", exclamou Versigny. "Aquele caso do Mauguin está começando de novo?" "É mais do que isso", respondeu Michel. "A esposa e a filha de Baune vieram até mim há meia hora. Elas me acordaram. Baune foi preso em sua cama às seis horas da manhã." "O que isso significa?", perguntou Versigny. A campainha tocou novamente. "Isso provavelmente

nos dirá", respondeu Michel de Bourges. Versigny abriu a porta. Era o representante Pierre Lefranc. Ele trouxe, de fato, a solução para o enigma. "Sabem o que está acontecendo?", disse ele. "Sim", respondeu Michel. "Baune está preso." "É a República que está prisioneira", disse Pierre Lefranc. "Leram os cartazes?" "Não." Pierre Lefranc explicou-lhes que as paredes estavam naquele momento cobertas de cartazes que a multidão curiosa se apinhava para ler. Ele havia olhado um deles na esquina de sua rua, e o golpe já havia sido dado. "O golpe!", exclamou Michel. "Diga antes, o crime." Pierre Lefranc acrescentou que havia três cartazes—um decreto e duas proclamações—todos impressos em papel branco, colados bem juntos. O decreto estava impresso em letras grandes. O ex-Constituinte Laissac, que morava nas imediações (na Rua Cité Gaillard, nº 4), entrou em seguida. Ele trouxe a mesma notícia e anunciou outras prisões feitas durante a noite. Não havia tempo a perder. Eles foram levar a notícia a Yvan, o Secretário da Assembleia, que havia sido nomeado pela Esquerda, e morava na Rua de Boursault. Era necessário convocar uma reunião imediata. Os representantes republicanos

que ainda estivessem em liberdade deveriam ser avisados e reunidos sem demora. Versigny disse: "Vou procurar Victor Hugo." Eram oito horas da manhã. Eu estava acordado e trabalhando na cama. Meu criado entrou e disse, alarmado: "Um representante do povo está lá fora e quer falar com o senhor." "Quem é?" "Monsieur Versigny." "Deixe-o entrar." Versigny entrou e me contou o que estava acontecendo. Eu me levantei da cama. Ele falou sobre o "encontro" nas dependências do ex-Constituinte Laissac. "Vá imediatamente informar os outros representantes", disse eu. Ele me deixou.

CAPÍTULO III: O QUE ACONTECEU DURANTE A NOITE. Antes dos dias fatais de junho de 1848, a esplanada dos Inválidos era dividida em oito grandes campos de grama, cercados por grades de madeira e isolados por duas alamedas de árvores, separadas por uma rua que cruzava a frente dos Inválidos. Esta rua era atravessada por três ruas paralelas ao Sena. Havia grandes jardins onde as crianças costumavam brincar. O centro dos oito campos de grama estava marcado por um pedestal que, durante o Império, havia sustentado o leão de bronze de São Marcos, trazido de Veneza; sob a Restauração, uma estátua em mármore branco de Luís XVIII; e sob Luís Filipe, um busto de gesso de Lafayette. Devido ao fato de o Palácio da Assembleia Constituinte ter quase sido tomado por uma multidão de insurgentes em 22 de junho de 1848, e não havendo quartéis nas proximidades, o General Cavaignac construiu, a trezentos passos do Palácio Legislativo, nos campos de grama dos Inválidos, várias fileiras de longas barracas, sob as quais a grama estava oculta. Essas barracas, onde três ou quatro mil homens podiam ser acomodados, hospedavam as tropas especialmente designadas

para vigiar a Assembleia Nacional. No dia 1º de dezembro de 1851, os dois regimentos acampados na Esplanada eram o 6º e o 42º Regimentos de Linha, o 6º comandado pelo Coronel Garderens de Boisse, famoso antes do 2 de dezembro, e o 42º pelo Coronel Espinasse, que se tornaria famoso após essa data. A guarda noturna habitual do Palácio da Assembleia era composta por um batalhão de infantaria e trinta artilheiros, com um capitão. O Ministro da Guerra, além disso, enviou vários cavalarianos para o serviço de ordens. Dois morteiros e seis peças de canhão, com seus carros de munição, estavam dispostos em uma pequena praça situada à direita do Cour d'Honneur, conhecida como Cour des Canons. O Major, o comandante militar do Palácio, estava sob o controle imediato dos Questores. Ao cair da noite, as grades e as portas foram trancadas, sentinelas foram postadas, instruções dadas aos sentinelas e o Palácio foi fechado como uma fortaleza. A senha era a mesma da Praça de Paris. As instruções especiais elaboradas pelos Questores proibiam a entrada de qualquer força armada que não fosse o regimento de plantão. Na noite de 1º para 2 de dezembro, o Palácio Legislativo

estava guardado por um batalhão do 42°. A sessão de 1º de dezembro, que foi extremamente pacífica e dedicada a uma discussão sobre a lei municipal, terminou tarde, sendo encerrada com uma votação do Tribunal. No momento em que o Sr. Baze, um dos Questores, subiu à tribuna para depositar seu voto, um Representante, pertencente ao que se chamava “Les Bancs Elyséens”, aproximou-se dele e disse em voz baixa, “Esta noite você será levado.” Avisos como esse eram recebidos todos os dias e, como já explicamos, as pessoas acabaram por não dar mais atenção a eles. No entanto, imediatamente após a sessão, os Questores chamaram o Comissário Especial da Assembleia, estando presente o Presidente Dupin. Quando interrogado, o Comissário declarou que os relatórios de seus agentes indicavam “um silêncio absoluto” — essa era sua expressão — e que certamente não havia perigo a ser temido naquela noite. Quando os Questores pressionaram mais, o Presidente Dupin, exclamando “Bah!”, saiu da sala. No mesmo dia, 1º de dezembro, por volta das três horas da tarde, enquanto o sogro do General Leflô cruzava o boulevard em frente ao Tortoni, alguém passou rapidamente por

ele e sussurrou em seu ouvido estas palavras significativas, "Onze horas - meia-noite." Esse incidente causou pouca atenção na Questura, e muitos até riram disso. Já havia se tornado algo comum. No entanto, o General Leflô não foi dormir até que a hora mencionada passasse, e permaneceu nos Escritórios da Questura até quase uma da manhã. O departamento de taquigrafia da Assembleia estava ao ar livre, com quatro mensageiros ligados ao Moniteur, encarregados de levar as cópias dos taquígrafos para a gráfica e trazer de volta as provas para o Palácio da Assembleia, onde o Sr. Hippolyte Prévost as corrigia. O Sr. Hippolyte Prévost era chefe da equipe de taquigrafia e, nesse cargo, tinha apartamentos no Palácio Legislativo. Ele também era editor do folhetim musical do Moniteur. No dia 1º de dezembro, ele foi ao Opéra Comique para a estreia de uma nova peça, e só retornou depois da meia-noite. O quarto mensageiro do Moniteur estava esperando por ele com uma prova do último trecho da sessão; o Sr. Prévost corrigiu a prova e o mensageiro foi embora. Já era um pouco depois da uma da manhã, um silêncio profundo reinava ao redor, e, com

exceção da guarda, todos no Palácio dormiam. Por volta dessa hora, um incidente singular aconteceu. O Capitão-Adjutante Major da Guarda da Assembleia foi até o Major e disse, “O Coronel me chamou”, e acrescentou, conforme a etiqueta militar, “Posso ir?” O Comandante ficou surpreso. “Vá”, disse ele com certa firmeza, “mas o Coronel está errado em perturbar um oficial de serviço.” Um dos soldados da guarda, sem entender o significado das palavras, ouviu o Comandante caminhando de um lado para o outro e murmurando várias vezes, “Que diabo ele quer?” Meia hora depois, o Adjutante-Major retornou. “Bem”, perguntou o Comandante, “o que o Coronel queria com você?” “Nada”, respondeu o Adjutante, “ele queria me dar as ordens para os deveres de amanhã.” A noite avançava ainda mais. Por volta das quatro horas, o Adjutante-Major veio novamente ao Comandante. “Comandante,” disse ele, “o Coronel me chamou novamente.” “De novo!” exclamou o Comandante. “Isso está ficando estranho, mas vá.” O Adjutante-Major tinha, entre outras funções, a de passar as instruções para as sentinelas, e, conseqüentemente, tinha o poder de revogá-las. Assim que o

Adjutante-Major saiu, o Comandante, ficando inquieto, pensou que era seu dever comunicar-se com o Comandante Militar do Palácio. Subiu até o apartamento do Comandante-Lieutenant Coronel Niols. O Coronel Niols já estava na cama e os atendentes haviam se retirado para os seus quartos no andar de cima. O Comandante, novato no Palácio, tateou pelos corredores, e, sabendo pouco sobre os vários quartos, tocou a campainha de uma porta que lhe parecia a do Comandante Militar. Ninguém respondeu, a porta não foi aberta, e o Comandante desceu sem ter conseguido falar com ninguém. Por sua vez, o Adjutante-Major retornou ao Palácio, mas o Comandante não o viu novamente. O Adjutante ficou perto da porta gradeada da Place Bourgogne, envolto em seu manto, caminhando para frente e para trás, como se esperasse alguém. No momento em que as cinco horas soaram do grande relógio da cúpula, os soldados que dormiam no acampamento das barracas antes dos Inválidos foram subitamente acordados. Ordens foram dadas em voz baixa nas barracas para que pegassem as armas, em silêncio. Logo depois, dois regimentos, com mochilas nas costas, marchavam em

direção ao Palácio da Assembleia; eram o 6º e o 42º. Nesse mesmo toque de cinco, simultaneamente em todos os bairros de Paris, soldados de infantaria saíram silenciosamente de cada quartel, com seus coronéis à frente. Os ajudantes de campo e oficiais de ordens de Louis Bonaparte, que haviam sido distribuídos por todos os quartéis, supervisionaram essa movimentação. A cavalaria não foi acionada até três quartos de hora depois da infantaria, para não acordar Paris demasiado cedo com o som das patas dos cavalos nas pedras. O Sr. de Persigny, que trouxera do Eliseu para o campo dos Inválidos a ordem para pegar as armas, marchou à frente do 42º, ao lado do Coronel Espinasse. Uma história corre no exército, pois, até hoje, quando as pessoas estão cansadas de incidentes desonrosos, ainda contam esses acontecimentos com uma espécie de indiferença sombria. A história é que, no momento de sair com seu regimento, um dos coronéis, cujo nome poderia ser mencionado, hesitou, e o emissário do Eliseu, retirando um pacote lacrado do bolso, disse-lhe, "Coronel, admito que estamos correndo um grande risco. Aqui neste envelope, que me foi

foi encarregado de entregar a você, há cem mil francos em notas de banco para contingências." O envelope foi aceito, e o regimento partiu. Na noite de 2 de dezembro, o coronel disse a uma senhora, "Esta manhã ganhei cem mil francos e meus epauletes de general." A senhora mostrou-lhe a porta. Xavier Durrieu, que nos conta essa história, teve a curiosidade de ver essa senhora depois. Ela confirmou a história. Sim, com certeza! Ela havia fechado a porta na cara desse miserável; um soldado, um traidor da sua bandeira, que se atrevia a visitá-la! Ela receberia tal homem? Não! Ela não poderia fazer isso, "e," diz Xavier Durrieu, ela acrescentou, "E ainda assim não tenho caráter a perder." Outro mistério estava sendo organizado na Prefeitura de Polícia. Aqueles habitantes tardios da Cité que talvez tivessem retornado para casa a uma hora avançada da noite poderiam ter notado um grande número de carros de rua vagando em grupos dispersos em pontos diferentes ao redor da Rua de Jerusalém. Desde as onze horas da noite, sob o pretexto da chegada de refugiados a Paris vindos de Gênova e Londres, a Brigada de Segurança e os oitocentos sergentes de ville haviam sido retidos

na Prefeitura. Às três horas da manhã, uma convocação foi enviada para os quarenta e oito Comissários de Polícia de Paris e dos subúrbios, bem como para os agentes da paz. Uma hora depois, todos chegaram. Foram levados a uma sala separada e isolados o máximo possível. Às cinco horas, uma campainha tocou no gabinete do Prefeito. O Prefeito Maupas chamou os Comissários de Polícia um a um para seu gabinete, revelou-lhes o complô e alocou a cada um sua parte do crime. Nenhum recusou; muitos o agradeceram. Tratava-se de prender em suas próprias casas setenta e oito democratas que eram influentes em seus bairros e temidos pelo Eliseu como possíveis líderes de barricadas. Era necessário, em um ato ainda mais ousado, prender em suas casas dezesseis Representantes do Povo. Para essa última tarefa, foram escolhidos entre os Comissários de Polícia aqueles magistrados que pareciam mais propensos a se tornarem canalhas. Entre esses estavam os Representantes. Cada um tinha seu homem. Sieur Courtille tinha Charras, Sieur Desgranges tinha Nadaud, Sieur Hubaut o mais velho tinha M. Thiers, e Sieur Hubaut o mais jovem tinha o General Bedeau, o General Changarnier foi

foi alocado a Lerat, e o General Cavaignac a Colin. Sieur Dourlens pegou o Representante Valentin, Sieur Benoist pegou o Representante Miot, Sieur Allard pegou o Representante Cholat, Sieur Barlet pegou Roger (du Nord), o General Lamoricière caiu para o Comissário Blanchet, o Comissário Gronfier teve o Representante Greppo, e o Comissário Boudrot o Representante Lagrange. Os Questores foram igualmente alocados, o Sr. Baze para o Sieur Primorin, e o General Leflô para o Sieur Bertoglio. Os mandados com os nomes dos Representantes haviam sido redigidos no gabinete privado do Prefeito. Os espaços em branco foram preenchidos no momento da saída. Além da força armada que estava designada para assisti-los, foi decidido que cada Comissário deveria ser acompanhado por duas escoltas, uma composta por sergentes de ville, e a outra de agentes da polícia à paisana. Como o Prefeito Maupas havia dito a M. Bonaparte, o Capitão da Guarda Republicana, Baudinet, foi associado ao Comissário Lerat na prisão do General Changarnier. Por volta das cinco e meia, os fiacres que estavam esperando foram chamados, e todos partiram, cada um com suas instruções.

Durante a mesma noite, Paris - A antiga Rue du Temple - naquela antiga Mansão Soubise que havia sido transformada em uma Imprensa Real e que hoje é uma Imprensa Nacional, outra seção do Crime estava sendo organizada. Por volta de uma hora da manhã, um transeunte que havia chegado à antiga Rue du Temple pela Rue de Vieilles-Haudriettes, notou na junção dessas duas ruas várias janelas altas e longas brilhantemente iluminadas. Eram as janelas das salas de trabalho da Imprensa Nacional. Ele virou à direita e entrou na antiga Rue du Temple, e, momentos depois, parou diante da entrada em forma de meia-lua da frente da gráfica. A porta principal estava fechada, duas sentinelas guardavam a porta lateral. Através dessa porta pequena, que estava entreaberta, ele olhou para o pátio da gráfica e viu-o cheio de soldados. Os soldados estavam silenciosos, nenhum som podia ser ouvido, mas o brilho de suas baionetas podia ser visto. O transeunte, surpreso, se aproximou mais. Uma das sentinelas o empurrou rudemente, gritando: “Vá embora.” Como os sergentes de ville na Prefeitura de Polícia, os operários haviam sido retidos na Imprensa Nacional sob a

alegação de trabalho noturno. No mesmo momento em que o Sr. Hippolyte Prévost retornava ao Palácio Legislativo, o gerente da Imprensa Nacional reentrava em seu escritório, também retornando do Opéra Comique, onde ele havia ido ver uma nova peça escrita por seu irmão, o Sr. de St. Georges. Imediatamente ao retornar, o gerente, a quem havia chegado uma ordem do Eliseu durante o dia, pegou um par de pistolas de bolso e desceu até o vestíbulo, que se comunicava com o pátio por meio de alguns degraus. Pouco depois, a porta que dava para a rua se abriu, um fiacre entrou e um homem que carregava um grande portfólio desceu do carro. O gerente se aproximou do homem e disse a ele: “É você, Monsieur de Bévillé?” “Sim,” respondeu o homem. O fiacre foi estacionado, os cavalos foram colocados em um estábulo, e o cocheiro foi trancado em uma sala, onde lhe deram bebida e colocaram uma bolsa em sua mão. Garrafas de vinho e louis d’or formam a base desse tipo de política. O cocheiro bebeu e depois foi dormir. A porta da sala foi trancada. A grande porta do pátio da gráfica mal foi fechada quando se reabriu, dando passagem a homens armados, que entraram em silêncio e

e depois a fecharam novamente. Os recém-chegados eram uma companhia da Gendarmerie Mobile, a quarta do primeiro batalhão, comandada por um capitão chamado La Roche d'Oisy. Como pode ser observado pelo resultado, para todas as missões delicadas, os homens do golpe de estado tomaram cuidado para empregar a Gendarmerie Mobile e a Guarda Republicana, ou seja, os dois corpos compostos quase inteiramente por ex-Guardas Municipais, carregando no coração uma lembrança vingativa dos eventos de fevereiro. O capitão La Roche d'Oisy trouxe uma carta do Ministro da Guerra, que colocava ele e seus soldados à disposição do gerente da Imprensa Nacional. As mosquetes foram carregadas sem que uma palavra fosse dita. Sentinelas foram posicionadas nas salas de trabalho, nos corredores, nas portas, nas janelas, na verdade, em todos os lugares, duas delas posicionadas na porta que dava para a rua. O capitão perguntou que instruções ele deveria dar às sentinelas. "Nada mais simples," disse o homem que havia vindo no fiacre. "Quem tentar sair ou abrir uma janela, atire nele." Esse homem, que na verdade era De Bévillé, oficial de ordens de M. Bonaparte, retirou-se com o

gerente para o grande gabinete do primeiro andar, uma sala solitária que dava para o jardim. Lá, ele comunicou ao gerente o que trouxera consigo: o decreto de dissolução da Assembleia, o apelo ao Exército, o apelo ao Povo, o decreto convocando os eleitores e, além disso, a proclamação do Prefeito Maupas e sua carta para os Comissários de Polícia. Os quatro primeiros documentos estavam inteiramente escritos à mão pelo Presidente, e aqui e ali algumas correções poderiam ser notadas. Os tipógrafos estavam esperando. Cada homem foi colocado entre dois gendarmes e proibido de dizer uma palavra sequer, e então os documentos que precisavam ser impressos foram distribuídos pela sala, cortados em pedaços muito pequenos, para que uma sentença inteira não pudesse ser lida por um único operário. O gerente anunciou que daria uma hora para comporem tudo. Os diferentes fragmentos foram finalmente levados ao Coronel Béville, que os reuniu e corrigiu as provas. A impressão foi realizada com as mesmas precauções, cada impressora entre dois soldados. Apesar de toda a diligência possível, o trabalho durou duas horas. Os gendarmes vigiavam os

operários. Bévillle vigiava St. Georges. Quando o trabalho foi concluído, ocorreu um incidente suspeito, que se assemelhou muito a uma traição dentro de outra traição. A um traidor, um traidor maior. Esse tipo de crime está sujeito a tais acidentes. Bévillle e St. Georges, os dois confiáveis confidentes nas mãos dos quais estava o segredo do golpe de estado, ou seja, a cabeça do Presidente — aquele segredo que, a qualquer preço, não deveria ser deixado vazar antes da hora marcada, sob risco de fazer tudo fracassar, pensaram em confiá-lo imediatamente a duzentos homens, para "testar o efeito", como o ex-coronel Bévillle disse mais tarde, de maneira bastante ingênua. Eles leram o misterioso documento que acabara de ser impresso para os Gendarmes Móveis, que estavam alinhados no pátio. Esses ex-guardas municipais aplaudiram. Se eles tivessem vaiado, poderia ser perguntado o que os dois experimentalistas no golpe de estado teriam feito. Talvez M. Bonaparte tivesse acordado de seu sonho em Vincennes. O cocheiro foi então libertado, o fiacre foi posto em movimento, e às quatro da manhã, o oficial de ordens e o gerente da Imprensa Nacional, agora dois criminosos, chegaram

à Prefeitura de Polícia com os pacotes dos decretos. A partir de então, para eles começou a marca da vergonha. O Prefeito Maupas os tomou pela mão. Bandos de cartazes, subornados para a ocasião, começaram em todas as direções, carregando com eles os decretos e as proclamações. Foi exatamente a hora em que o Palácio da Assembleia Nacional foi invadido. Na Rue de l'Université, há uma porta do Palácio que é a antiga entrada do Palais Bourbon, e que se abria para a avenida que leva à casa do Presidente da Assembleia. Essa porta, chamada porta da Presidência, era, como de costume, guardada por uma sentinela. Já fazia algum tempo que o Adjutante-Major, que havia sido chamado duas vezes durante a noite pelo Coronel Espinasse, permanecia imóvel e silencioso, perto da sentinela. Cinco minutos depois, tendo deixado as barracas dos Inválidos, o 42º Regimento de linha, seguido à distância pelo 6º Regimento, que marchara pela Rue de Bourgogne, emergiu da Rue de l'Université. "O regimento," diz uma testemunha ocular, "marchava como se caminhasse em um quarto de doente." Chegou com passos furtivos à frente da porta da Presidência. Esta emboscada veio

surpreender a lei. A sentinela, ao ver os soldados chegarem, parou, mas no momento em que ia desafiá-los com um "qui-vive", o Adjutante-Major agarrou seu braço e, em sua capacidade de oficial com poder para revogar todas as instruções, ordenou-lhe que desse passagem livre ao 42º, e ao mesmo tempo ordenou ao porteiro atônito que abrisse a porta. A porta girou sobre suas dobradiças, os soldados se espalharam pela avenida. Persigny entrou e disse: "Está feito." A Assembleia Nacional foi invadida. Ao ouvir o barulho dos passos, o Comandante Mennier correu até lá. "Comandante," exclamou o Coronel Espinasse, "venho substituir seu batalhão." O Comandante ficou pálido por um momento, e seus olhos permaneceram fixos no chão. Então, de repente, colocou as mãos nos ombros e arrancou seus epauletes, pegou sua espada, quebrou-a sobre o joelho, jogou os dois fragmentos no pavimento e, tremendo de raiva, exclamou com uma voz solene: "Coronel, você desonra o número de seu regimento." "Está bem, está bem," disse Espinasse. A porta da Presidência ficou aberta, mas todas as outras entradas permaneceram fechadas. Todos os guardas foram aliviados, todas as sentinelas trocadas, e

o batalhão da guarda da noite foi enviado de volta para o campo dos Inválidos, os soldados empilharam suas armas na avenida e no Cour d'Honneur. O 42º, em profundo silêncio, ocupou as portas externas e internas, o pátio, as salas de recepção, as galerias, os corredores, os passagens, enquanto todos dormiam no Palácio. Logo depois, chegaram dois daqueles pequenos carros chamados "quarenta filhos", e dois fiacres, escoltados por dois destacamentos da Guarda Republicana e dos Caçadores de Vincennes, e por várias patrulhas de polícia. Os Comissários Bertoglio e Primorin desceram dos dois carros. Quando essas carruagens chegaram, viu-se um personagem, careca, mas ainda jovem, aparecer na porta gradeada da Place de Bourgogne. Esse personagem tinha toda a aparência de um homem da cidade, que acabara de sair da ópera, e, de fato, ele viera de lá, depois de ter passado por um covil. Ele vinha do Eliseu. Era De Morny. Por um instante, ele observou os soldados empilhando suas armas, e depois foi até a porta da Presidência. Lá, ele trocou algumas palavras com M. de Persigny. Quinze minutos depois, acompanhado por 250 Caçadores de Vincennes, ele tomou posse

do ministério do Interior, assustou M. de Thorigny em sua cama, e entregou-lhe bruscamente uma carta de agradecimento de Monsieur Bonaparte. Alguns dias antes, o honesto M. De Thorigny, cujas ingenuas observações já citamos, disse a um grupo de homens perto de quem M. de Morny passava: "Como esses homens da Montanha caluniam o Presidente! O homem que quebraria seu juramento, que faria um golpe de estado, deve necessariamente ser um miserável." Desperto rudemente no meio da noite e destituído de seu posto como Ministro, como os sentinelas da Assembleia, o digno homem, atônito e esfregando os olhos, murmurou: "Eh! Então o Presidente é um --." "Sim," disse Morny, com uma explosão de riso. Quem escreve essas linhas conheceu Morny. Morny e Walewsky ocupavam na quase família reinante as posições, um de bastardo real, o outro de bastardo imperial. Quem foi Morny? Diremos: "Uma mente notável, um intrigante, mas de forma alguma austero, amigo de Romieu e apoiador de Guizot, possuidor dos modos da alta sociedade e dos hábitos da roleta, satisfeito consigo mesmo, inteligente, combinando uma certa liberalidade de ideias com disposição

para aceitar crimes úteis, encontrando maneiras de exibir um sorriso gracioso com dentes ruins, levando uma vida de prazer, dissipado mas reservado, feio, de bom humor, feroz, bem vestido, destemido, disposto a deixar um irmão prisioneiro sob ferros e trancas, e pronto para arriscar a própria cabeça por um irmão Imperador, tendo a mesma mãe de Louis Bonaparte, e, como Louis Bonaparte, tendo algum pai ou outro, sendo capaz de se chamar Beauharnais, sendo capaz de se chamar Flahaut, e ainda assim se chamando Morny, perseguindo a literatura até a comédia leve, e a política até a tragédia, um perigoso bebedor, possuidor de toda a frivolidade compatível com o assassinato, capaz de ser esboçado por Marivaux e tratado por Tácito, sem consciência, irrepreensivelmente elegante, infame e amável, se necessário, um perfeito duque. Tal foi esse malfeitor." Ainda não eram seis horas da manhã. As tropas começaram a se concentrar na Place de la Concorde, onde Leroy-Saint-Arnaud, a cavalo, fazia uma revisão. Os Comissários de Polícia, Bertoglio e Primorin, organizaram duas companhias sob o arco da grande escadaria da Questura, mas não subiram por ali. Eles estavam

acompanhados por agentes de polícia, que conheciam os recessos mais secretos do Palais Bourbon e os conduziram por vários corredores. O General Leflô estava hospedado no Pavilhão que, na época do Duc de Bourbon, era habitado por Monsieur Feuchères. Naquela noite, o General Leflô tinha sua irmã e seu marido, que estavam visitando Paris, e que dormiam em um quarto, cuja porta dava para um dos corredores do Palácio. O Comissário Bertoglio bateu na porta, abriu-a e, junto com seus agentes, entrou abruptamente na sala, onde uma mulher estava na cama. O irmão da general, ao ver isso, saltou da cama e gritou para o Questor, que dormia em um quarto ao lado: “Adolphe, estão arrombando as portas, o Palácio está cheio de soldados. Levante-se!” O General abriu os olhos, viu o Comissário Bertoglio ao lado de sua cama. Ele se levantou. “General”, disse o Comissário, “vim cumprir um dever.” “Entendo”, disse o General Leflô, “você é um traidor.” O Comissário, gaguejando as palavras, “Conspiração contra a segurança do Estado”, mostrou uma ordem de prisão. O General, sem pronunciar uma palavra, bateu com o dorso da mão naquele infame papel. Depois, se vestindo,

colocou o uniforme completo de Constantine e de Médéah, pensando, com sua lealdade imaginativa e militar, que ainda havia generais da África para os soldados que ele encontraria em seu caminho. Todos os generais que restavam eram bandidos. Sua esposa o abraçou; seu filho, uma criança de sete anos, com a camisa de dormir e em lágrimas, disse ao Comissário de Polícia: “Misericórdia, Monsieur Bonaparte.” O General, enquanto apertava sua esposa nos braços, sussurrou-lhe no ouvido: “Há artilharia no pátio, tente disparar um canhão.” O Comissário e seus homens o levaram embora. Ele olhou para os policiais com desprezo e não falou com eles, mas quando reconheceu o Coronel Espinasse, seu coração militar e bretão se inflamou de indignação. “Coronel Espinasse,” disse ele, “você é um vilão, e espero viver o suficiente para arrancar os botões do seu uniforme.” O Coronel Espinasse baixou a cabeça e gaguejou: “Não o conheço.” Um major acenou com a espada e gritou: “Já tivemos o suficiente de generais advogados.” Alguns soldados cruzaram suas baionetas diante do prisioneiro desarmado, três sergentes de ville o empurraram para dentro de um fiacre, e um subtenente

se aproximou da carruagem, olhando para o rosto do homem que, se fosse um cidadão, seria seu Representante, e se fosse um soldado, seria seu general, e soltou esta palavra abominável: “Canalha!” Enquanto isso, o Comissário Primorin tomou um caminho mais longo para surpreender o outro Questor, M. Baze. De um apartamento de M. Baze, uma porta dava para o corredor que se comunicava com o salão da Assembleia. Sieur Primorin bateu na porta. “Quem é?” perguntou um criado, que estava se vestindo. “O Comissário de Polícia,” respondeu Primorin. O criado, pensando que ele fosse o Comissário de Polícia da Assembleia, abriu a porta. Nesse momento, M. Baze, que tinha ouvido o barulho e acabara de acordar, colocou um roupão e gritou: “Não abra a porta.” Mal havia dito essas palavras quando um homem à paisana e três sergentes de ville em uniforme irromperam em seu quarto. O homem, abrindo o casaco, exibiu a faixa de sua função, perguntando a M. Baze: “Você reconhece isso?” “Você é um miserável,” respondeu o Questor. Os agentes de polícia colocaram as mãos em M. Baze. “Você não me levará,” ele disse. “Você, um Comissário de Polícia, você, que é um magistrado e

sabe o que está fazendo, você ultraja a Assembleia Nacional, você viola a lei, você é um criminoso!” Seguiu-se uma luta corpo a corpo — quatro contra um. Madame Baze e suas duas filhas pequenas gritaram, o criado sendo empurrado para trás com socos pelos sergentes de ville. “Vocês são canalhas,” gritou o Sr. Baze. Eles o carregaram à força em seus braços, ainda lutando, nu, com seu roupão de dormir rasgado, seu corpo coberto de golpes, seu pulso rasgado e sangrando. As escadas, o patamar, o pátio, estavam cheios de soldados com baionetas fixas e armas baixas. O Questor falou com eles. “Seus Representantes estão sendo presos, vocês não receberam suas armas para quebrar as leis!” Um sargento usava uma cruz nova. “Você foi premiado com a cruz por isso?” O sargento respondeu: “Só conhecemos um mestre.” “Anoto seu número,” continuou M. Baze. “Vocês são um regimento desonrado.” Os soldados ouviram com um ar imperturbável e pareciam ainda estar dormindo. O Comissário Primorin disse a eles: “Não respondam, isso não tem nada a ver com vocês.” Eles conduziram o Questor pelo pátio até a guarita da Porte Noire. Este era o nome dado a uma pequena porta

contrabalançada sob o arco em frente ao tesouro da Assembleia, que se abria na Rue de Bourgogne, em frente à Rue de Lille. Vários sentinelas foram posicionadas na porta da guarita e no topo da escada que dava até lá, com M. Baze sendo deixado lá sob a guarda de três sergentes de ville. Vários soldados, sem suas armas, e de camisa, entravam e saíam. O Questor apelou para eles em nome da honra militar. “Não respondam,” disse o sergente de ville aos soldados. As duas pequenas filhas de M. Baze o seguiram com os olhos aterrorizados, e quando perderam de vista o pai, a mais nova começou a chorar. “Irmã,” disse a mais velha, que tinha sete anos, “vamos rezar,” e as duas crianças, juntando as mãos, se ajoelharam. O Comissário Primorin, com sua enxame de agentes, irrompeu no escritório do Questor e pôs as mãos em tudo. Os primeiros papéis que ele viu sobre a mesa, e que pegou, foram os famosos decretos preparados para o caso de a Assembleia ter aprovado a proposta dos Questores. Todas as gavetas foram abertas e revistadas. Essa busca nos papéis de M. Baze, que o Comissário de Polícia chamou de visita domiciliar, durou mais de uma hora. As roupas de M. Baze foram levadas até

ele, e ele se vestiu. Quando a "visita domiciliar" terminou, ele foi retirado da guarita. Havia um fiacre no pátio, no qual ele entrou, junto com os três sergentes de ville. O veículo, para chegar à porta da Presidência, passou pelo Cour d'Honneur e depois pelo Cour de Canonis. O dia estava amanhecendo. M. Baze olhou para o pátio para ver se os canhões ainda estavam lá. Ele viu as carroças de munição dispostas em ordem com as hastes levantadas, mas os lugares dos seis canhões e das duas mortarras estavam vazios. Na avenida da Presidência, o fiacre parou por um momento. Duas fileiras de soldados, de pé, alinhavam as calçadas da avenida. Aos pés de uma árvore estavam três homens agrupados: Coronel Espinasse, que M. Baze conhecia e reconhecia, uma espécie de Tenente-Coronel, que usava uma fita preta e laranja ao redor do pescoço, e um Major de Lanceros, todos três com a espada em mãos, consultando-se. As janelas do fiacre estavam fechadas; M. Baze quis abaixá-las para apelar para esses homens; os sergentes de ville seguraram seus braços. O Comissário Primorin então se aproximou, e estava prestes a entrar novamente na pequena carruagem para dois,

que o trouxera. “Monsieur Baze,” disse ele, com aquela cortesia vil que os agentes do golpe de estado frequentemente misturavam com seu crime, “você deve estar desconfortável com aqueles três homens no fiacre. Você está apertado; entre comigo.” “Deixe-me em paz,” disse o prisioneiro. “Com esses três homens eu estou apertado; com você eu ficaria contaminado.” Uma escolta de infantaria foi posicionada dos dois lados do fiacre. O Coronel Espinasse chamou o cocheiro: “Dirija lentamente pelo Quai d’Orsay até encontrar uma escolta de cavalaria. Quando a cavalaria assumir a carga, a infantaria pode voltar.” Eles partiram. Quando o fiacre virou no Quai d’Orsay, um destacamento dos 7º Lanceros chegou em plena velocidade. Era a escolta: os cavaleiros cercaram o fiacre, e todos partiram a galope. Nenhum incidente ocorreu durante a viagem. De vez em quando, ao barulho das cascos dos cavalos, as janelas se abriam e cabeças surgiam; o prisioneiro, que finalmente havia conseguido abaixar a janela, ouviu vozes assustadas dizendo: “O que aconteceu?” O fiacre parou. “Onde estamos?” perguntou M. Baze. “Em Mazas,” disse um sergente de ville. O Questor foi levado

ao escritório da prisão. Assim que entrou, viu Baune e Nadaud sendo trazidos. Havia uma mesa no centro, na qual o Comissário Primorin, que havia seguido o fiacre em sua carruagem, acabara de se sentar. Enquanto o Comissário escrevia, M. Baze notou sobre a mesa um papel que era evidentemente um registro de prisão, no qual estavam esses nomes, escritos na seguinte ordem: Lamoricière, Charras, Cavaignac, Changarnier, Leflô, Thiers, Bedeau, Roger (du Nord), Chambolle. Esta era provavelmente a ordem em que os Representantes haviam chegado à prisão. Quando Sieur Primorin terminou de escrever, M. Baze disse: “Agora, será bom que receba minha protestação e a adicione ao seu relatório oficial.” “Não é um relatório oficial,” objetou o Comissário, “é simplesmente uma ordem de compromisso.” “Tenho a intenção de escrever minha protestação imediatamente,” respondeu M. Baze. “Você terá tempo de sobra em sua cela,” comentou um homem que estava ao lado da mesa. M. Baze se virou. “Quem é você?” “Eu sou o governador da prisão,” disse o homem. “Nesse caso,” respondeu M. Baze, “penso em você, pois sabe do crime que está cometendo.” O homem ficou pálido e gaguejou algumas palavras ininteligíveis. O

Comissário se levantou da cadeira; M. Baze rapidamente tomou posse de sua cadeira, se sentou à mesa e disse a Sieur Primorin: “Você é um funcionário público; peço-lhe que adicione minha protestação ao seu relatório oficial.” “Muito bem,” disse o Comissário, “que assim seja.” Baze escreveu a protestação da seguinte forma: “Eu, abaixo-assinado, Jean-Didier Baze, Representante do Povo e Questor da Assembleia Nacional, arrancado à força da minha residência no Palácio da Assembleia Nacional e conduzido a esta prisão por uma força armada à qual era impossível resistir, protesto, em nome da Assembleia Nacional e em meu próprio nome, contra a afronta à representação nacional cometida contra meus colegas e contra mim mesmo. Dado em Mazas no dia 2 de dezembro de 1851, às oito horas da manhã. BAZE.” Enquanto isso acontecia em Mazas, os soldados estavam rindo e bebendo no pátio da Assembleia. Eles faziam seu café nas panelas. Acenderam enormes fogueiras no pátio; as chamas, sopradas pelo vento, às vezes atingiam as paredes da Câmara. Um oficial superior da Questura, um oficial da Guarda Nacional, Ramond de la Croisette, se atreveu a dizer-lhes: “Vocês

vão incendiar o Palácio;” onde um soldado lhe deu um soco com o punho. Quatro peças retiradas do Cour de Canons foram dispostas em ordem de bateria contra a Assembleia; duas na Place de Bourgogne estavam apontadas para a grade, e duas na Pont de la Concorde estavam apontadas para a grande escadaria. Como nota ao lado dessa história instrutiva, mencionamos um fato curioso. O 42º Regimento de linha foi o mesmo que prendeu Louis Bonaparte em Boulogne. Em 1840, esse regimento ajudou a lei contra o conspirador. Em 1851, ajudou o conspirador contra a lei: essa é a beleza da obediência passiva.

CAPÍTULO IV. OUTROS ACONTECIMENTOS DA NOITE. Na mesma noite, em todas as partes de Paris, ocorreram atos de bandidagem. Homens desconhecidos, liderando tropas armadas, e armados eles mesmos com machados, martelos, alicates, barras de ferro, porretes, espadas escondidas sob os casacos, pistolas, cujos canos podiam ser distinguidos sob as dobras de seus capotes, chegaram silenciosamente diante de uma casa, ocuparam a rua, cercaram as entradas, destrancaram a porta, amarraram o porteiro, invadiram as escadas e arrombaram as portas em cima de um homem adormecido, e quando esse homem, acordando de repente, perguntou a esses bandidos: “Quem são vocês?” o líder respondeu: “Um Comissário de Polícia.” Assim aconteceu com Lamoricière, que foi capturado por Blanchet, que o ameaçou com o pano; com Greppo, que foi brutalmente tratado e derrubado por Gronfier, assistido por seis homens com uma lanterna e uma machadinha; com Cavaignac, que foi prendido por Colin, um vilão de fala mansa, que se fez de chocado ao ouvi-lo amaldiçoar e xingar; com M. Thiers, que foi preso por Hubaut (o mais velho); que professou tê-lo visto

“tremar e chorar”, adicionando assim falsidade ao crime; com Valentin, que foi atacado em sua cama por Dourlens, levado pelos pés e ombros, e jogado em uma van policial com cadeado; com Miot, destinado às torturas das masmorras africanas; com Roger (do Norte), que com corajosa e espirituosa ironia ofereceu xerez aos bandidos. Charras e Changarnier foram pegos desprevenidos. Eles moravam na Rue St. Honoré, quase em frente um do outro, Changarnier no nº 3, Charras no nº 14. Desde o 9 de setembro, Changarnier havia dispensado os quinze homens armados até os dentes que o haviam guardado durante a noite, e no dia 1º de dezembro, como dissemos, Charras havia descarregado suas pistolas. Essas pistolas vazias estavam na mesa quando chegaram para prendê-lo. O Comissário de Polícia se lançou sobre elas. “Idiota,” disse Charras a ele, “se estivessem carregadas, você seria um homem morto.” Essas pistolas, podemos notar, haviam sido dadas a Charras na tomada de Mascara pelo General Renaud, que no momento da prisão de Charras estava a cavalo na rua ajudando a realizar o golpe de estado. Se essas pistolas tivessem permanecido carregadas, e se

o General Renaud tivesse a tarefa de prender Charras, seria curioso se as pistolas de Renaud tivessem matado Renaud. Charras certamente não teria hesitado. Já mencionamos os nomes desses bandidos policiais. É inútil repeti-los. Foi Courtille quem prendeu Charras, Lerat quem prendeu Changarnier, Desgranges quem prendeu Nadaud. Os homens assim capturados em suas próprias casas eram Representantes do povo; eram invioláveis, de modo que ao crime da violação de suas pessoas se somou essa alta traição, a violação da Constituição. Não faltou ousadia na perpetração dessas atrocidades. Os agentes policiais estavam se divertindo. Alguns desses tipos engraçados zombavam. Em Mazas, os sub-detentos zombaram de Thiers, Nadaud os repreendeu severamente. O Sieur Hubaut (o mais jovem) acordou o General Bedeau. “General, você é um prisioneiro.” “Minha pessoa é inviolável.” “A menos que você seja pego em flagrante, no próprio ato.” “Bem,” disse Bedeau, “sou pego no ato, o ato hediondo de estar dormindo.” Eles o pegaram pelo colarinho e o arrastaram até um fiacre. Ao se encontrarem em Mazas, Nadaud apertou a mão de Greppo, e Lagrange

apertou a mão de Lamoricière. Isso fez os bandidos da polícia rirem. Um coronel, chamado Thirion, usando uma cruz de comandante ao redor do pescoço, ajudou a colocar os Generais e os Representantes na prisão. “Olhe para mim,” disse Charras a ele. Thirion se afastou. Assim, sem contar outras prisões que ocorreram depois, foram presos na noite de 2 de dezembro, dezesseis Representantes e setenta e oito cidadãos. Os dois agentes do crime entregaram um relatório para Louis Bonaparte. Morny escreveu “Boxed up”; Maupas escreveu “Quadded”. Um com linguagem de salão, o outro com a linguagem dos galés. Subtis gradações de linguagem.